

SEGURANÇA PÚBLICA

Mulher é baleada pela PRF no Rio

No dia em que o governo baixa decreto sobre uso da força, PRF dispara contra carro de uma família que ia passar o Natal com parentes

» EDUARDA ESPOSITO

Em mais um caso de abordagem policial violenta, Juliana Leite Rangel, de 26 anos, foi baleada na cabeça quando o carro em que viajava com a família foi alvejado por tiros disparados por três agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) na BR-040, em Duque de Caxias (RJ), na noite de Natal. Juliana, o irmão dela e os pais seguiram para a casa de parentes, em Niterói, onde eram aguardados para a ceia natalina, quando os agentes atiraram na direção do carro em que estavam. A jovem foi atingida na cabeça, passou por cirurgia e está intubada no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital Municipalizado Adão Pereira Nunes (HMAPN), em estado gravíssimo.

A jornalista, a mãe da jovem, Dayse Rangel, contou que o marido, Alexandre Rangel, ouviu a sirene da viatura e acreditou que ela queria passagem. Alexandre mudou de faixa, mas, como a polícia não fez a ultrapassagem, ele retornou à faixa em que estava. Naquele momento, o carro foi alvejado. Em entrevistas à imprensa, Alexandre disse que chegou a pensar que bandidos estavam dirigindo a viatura. De acordo com a mãe de Juliana, pessoas próximas ao local da tragédia contaram mais de 30 cápsulas de bala. Dayse afirmou que o carro não estava em alta velocidade e que eles não tinham nenhuma arma no veículo. “A gente viu a polícia e até falou assim: ‘Vamos dar passagem. A gente deu, e eles não passaram. Pelo contrário, começaram a mandar tiro em cima da gente. Foi muito tiro, foi muito

Reprodução Rede Sociais



Camburão da equipe da PRF que abordou o carro de Juliana (no guincho) é preservada para a perícia, em mais um “evento traumático” para a corporação

tiro”, disse Dayse.

“Na hora, eu pensei que o carro da Polícia Rodoviária Federal fosse bandido. Eu pensei que era bandido atirando em mim, porque um policial não iria fazer isso. Eles desceram falando: ‘Você atirou no meu carro por quê?’ Eu falei: ‘Nem arma eu tenho, como é que eu atirei em você?’ Falei para a minha filha: ‘Abaixa, abaixa’. Eu abaixei, meu filho deitou no fundo do carro, mas, infelizmente, um tiro pegou na minha filha”, narrou o pai de Juliana.

Os policiais que efetuaram os

disparos confirmaram, em depoimento, que atiraram contra o veículo. A equipe de três policiais rodoviários federais — dois homens e uma mulher — costumava trabalhar em serviço administrativo, mas assumiu o patrulhamento na escala de plantão de Natal. Os autores portavam dois fuzis e uma pistola automática, armas apreendidas para perícia.

Equívoco grave

Ao portal g1, o superintendente da PRF no Rio de Janeiro, Vitor

Almada, comentou que os policiais alegaram ter ouvido disparos e deduziram que tinham partido do veículo em que Juliana estava. Almada disse que nada justifica o que aconteceu e que a abordagem se deu fora dos padrões de treinamento. Uma investigação rigorosa foi determinada pelo superintendente, que pediu para que a Polícia Federal (PF) investigue o caso. Em nota, a PF informa que um inquérito foi instaurado para apurar a abordagem após ser acionada pela PRF. “Uma equipe da Polícia

Federal esteve no local para reavaliar as medidas iniciais, que incluíram a perícia do local, a coleta de depoimentos dos policiais rodoviários federais e das vítimas, além da apreensão das armas para análise pela perícia técnica criminal”, informou.

“Evento traumático”

A PRF também soltou uma nota em que lamenta o ocorrido e avisa que abriu um procedimento interno e que os agentes envolvidos foram afastados do

trabalho. “A PRF lamenta profundamente o episódio. Por determinação da Direção-Geral, a Coordenação-Geral de Direitos Humanos acompanha a situação e presta assistência à família da jovem Juliana. Por fim, a PRF colabora com a Polícia Federal no fornecimento de informações que auxiliem nas investigações do caso”, afirmou.

O diretor-geral da PRF, Antônio Fernando Oliveira, classificou de “mais um evento traumático” a ação de patrulhamento que terminou com uma jovem de 26 anos baleada na cabeça. O caso aconteceu no mesmo dia em que o governo federal publicou decreto para regulamentar o uso da força policial em todo o país. O texto prevê que a arma de fogo só pode ser usada como último recurso por policiais.

“Temos feito esforços e adotado procedimentos para mudar a forma de atuação da polícia e o efetivo tem se esmerado nesses esforços, como mostram os nossos números”, afirmou Oliveira a Globonews. “Mas, infelizmente, tenho que voltar aqui, hoje, para falar sobre mais um evento traumático”, lamentou.

O chefe da corporação lembra que há uma comissão de direitos humanos na PRF e que os agentes passam por treinamentos regulares de atuação no combate ao crime. Oliveira afirmou que as medidas do governo federal estão sendo bem recebidas por todo o efetivo e garantiu que não há ligação alguma entre o ocorrido e a publicação do decreto para regulamentar o uso da força policial em todo o País pelo governo federal.

Histórico de violência e mortes

PRF sobe o morro e mata

A abordagem violenta ao carro da jovem Juliana não é um caso isolado envolvendo agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Em maio de 2022, mais de 20 pessoas morreram em uma operação conjunta da Polícia Militar (PM) do Rio de Janeiro e da PRF. Um tiroteio entre policiais e criminosos na Vila Cruzeiro, na Zona Norte da capital fluminense, durou cerca de 12 horas. De acordo com o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), a PF e a PRF, os agentes tentavam localizar e prender lideranças criminosas escondidas dentro da comunidade. O caso é investigado pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ) e o Ministério Público Federal (MPF). Na época, o procurador da República e titular do Núcleo de Controle Externo da Atividade Policial no Rio de Janeiro, Eduardo Benones, afirmou em nota que “o Brasil é signatário de tratados e acordos internacionais que nos obrigam a investigar e punir violações de direitos humanos. E

PRF/Divulgação



PRF e PM se unem em operação que deixou 21 mortos, em 2022

21 mortos, até agora, em menos de 3 meses, não podem ser investigados como se fossem simples saldo de operações policiais”. Em junho de 2022, a Justiça Federal impediu a atuação da PRF fora das rodovias federais. A 26ª Vara Federal do Rio de Janeiro aceitou pedido do Ministério Público Federal (MPF) e suspendeu o Artigo 2º da Portaria Nº 42, de 18 de janeiro

de 2021. Por esse artigo, a PRF ficou autorizada a participar de operações conjuntas com órgãos de segurança pública das esferas federal, estadual, distrital ou municipal. A portaria previa a atuação em casos como designação de efetivo para equipes, apoio logístico, atuação na segurança de equipes e material e ingresso em locais alvo de mandados de busca e apreensão.

Câmara de gás

Outro caso polêmico que estremeceu o país foi o do assassinato de Genivaldo Santos, de 38 anos, em uma abordagem em Umbaúba (SE), em maio de 2022. Os três agentes da PRF que estava no local — Paulo Rodolfo Lima Nascimento, Kléber Nascimento Freitas e William Barros Noia — foram condenados por homicídio, neste mês, pela Justiça de Sergipe. Na abordagem, os agentes trancaram Genivaldo no porta-malas da viatura da corporação e jogaram gás lacrimogêneo dentro. De acordo com a perícia da PF, Genivaldo ficou preso por 11 minutos e 27 segundos até morrer por asfixia e insuficiência respiratória. O agente Nascimento pegou 28 anos de prisão por homicídio triplamente qualificado. Freitas e Noia receberam pena de 23

Reprodução/Redes sociais



Genivaldo no porta-malas de viatura da PRF: onda de indignação

anos, um mês e nove dias por tortura seguida de morte. O sobrinho de Genivaldo contou que o tio pilotava uma moto e que ficou nervoso no momento da abordagem. Ele foi agredido com empurrões antes de ser trancado na viatura. A mulher de Genivaldo, Maria Fabiana, ao saber que o marido estava

sendo “massacrado” pela PRF, foi ao local e implorou para que os policiais abrissem o porta-malas. “Ele está melhor do que nós, aí dentro está ventilado”, teria dito um dos agentes, segundo depoimento de Fabiana. Genivaldo chegou a ser levado para o pronto-socorro, mas não resistiu.

Seu leão pode colorir a vida de muitas crianças

ATÉ 27/12

Doe seu Imposto de Renda para o Hospital Pequeno Príncipe

No Brasil, apenas 2,86% do potencial de doação de IR da população foi destinado para instituições filantrópicas em 2022. Isso representa mais de R\$ 9 bilhões que poderiam impactar o cenário da saúde no país.

E você, ao destinar até 6% do seu Imposto de Renda para os projetos do maior hospital pediátrico do Brasil, pode contribuir para mudar essa realidade, de forma fácil e sem custos.

Ajude a transformar a vida de milhares de crianças e adolescentes. Acesse doepequenoprincipe.org.br, simule seu potencial de doação, preencha o formulário e solicite seu boleto.

Para mais informações, escaneie o QR code ao lado e fale com a nossa equipe.

Contamos com você!



(41) 2108-3886 (41) 99962-4461
doepequenoprincipe.org.br

